

SONHO CRIADOR

Antônio Augusto Ferreira

Não,
 já não são mais de mim arrancadas
 que a um corpo velho só restou defeitos.
 Os horizontes turvos do meu peito
 já tiveram a cor das madrugadas.
 Também fui moço
 e parti a inventar um mundo novo,
 o braço verde, o peito pelechado,
 os olhos claros refletindo, alçados,
 a cor do céu, boiando nas aguadas.

Eu era o capataz do meu destino
 e empurrava a pobreza nos encontros,
 varando a vida arisca feito um potro,
 levando sempre um ideal de tiro,
 A lua cheia a gauderiar comigo
 me alumia os rumos da cruzada,
 com meu sorriso de topar parada
 e a voz de calmaria no perigo.

E eu tive coragem na vigília
 e tive por fortuna a juventude
 e aqueles sonhos de quem tem saúde
 no aconchego tranqüílo da família.
 Nem o trabalho, nem a dura lida
 me achou amargo, nem me fez cansado.
 E eu fui um pouco um tigre renegado
 para buscar o brabo pão da vida.

As minhas cartas
 não vieram marcadas para o jogo,
 mas eu peguei na brasa e comi fogo
 e me lambi do suor para consolo.
 O meu caminho, que encontrei tapado
 eu fui abrindo a foice e a machado,
 e se algum dia eu levantei telhado
 eu amassei com os pés o meu tijolo.

Os meu baguais,
 fui eu próprio quem teve que domá-los,
 pois não se emprestam nem se dão cavalos
 a quem não tem nem onde cair morto.
 Mas a cada golpe,
 a cada tirão que eu dava e recebia
 o velho sonho se fortalecia
 de um dia ter tropilha e criar potro.

Ah! Mocidade arisca que dispara!
 Eu tinha muita força no tutano
 e a coragem de armar meu próprio plano

sem o receio de quebrar a cara.
 Então derrubei mato, e na coivara
 plantei a saraquá, milho de cova,
 e a minha alma brotou na roça nova
 que o meu próprio machado derrubara.

Ver a planta que nasce é ter um filho.
 Eu, que plantara um sonho de fartura,
 via crescer tão verde e tão segura
 minha ilusão, com que adubara o milho.
 E plantar outra vez a terra migra...
 A mão da enxada é a mesma da guitarra.
 O meu braço operário é de formiga
 e alma cantadeira é de cigarra.

E o sonho criador se fez um dia.
 A vaca mansa, vinda por leiteira,
 amanheceu num canto da mangueira
 transparente de luz, lambendo a cria.
 O sol é o mesmo, mas é outro o brilho,
 a semente madura é fecundada.
 E a jovem moça, eterna namorada,
 inchá a barriga para ter meu filho.

Como uma ave grande, sob as asas
 chama e protege uma ninhada inteira,
 eu apontei pro céu outra cumieira
 e ergui mais um puxado para as casas.
 E as nossas quatro mãos foram pequenas
 pro cercado, o pomar, o pátio cheio.
 E o céu amanhecia nas estrelas
 dos olhares da prole que nos veio.

E vieram bonecas e petiços,
 as tardes domingueiras se passando.
 Nesse tempo os verões andam voando
 se a gurizada cresce em pleno viço.
 Depois, são os colégios, a cidade.
 Há que tocar-se a vida para a frente.
 O pago então é um sonho decadente
 sobrevivendo em brumas, na saudade.

Agora cada qual faz seu caminho.
 Batem asas os filhos quando emplumam,
 mais dia, ,menos dias, todos rumam
 a construir seu próprio rancho e ninho.
 De um sonho criador, quanto carinho,
 quanta saudade boa pra viver
 na sina de cumprir este destino
 de criar filhos pra depois perder.